

GRAFIAS DO ESPAÇO: IMAGENS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA CONTEMPORÂNEA

Resenhador
Membros do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas
www4.fct.unesp.br/grupos/gplg/

CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao M. (orgs.). **Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea**. Campinas, SP: Alínea Editora, 2013.

O livro aqui resenhado foi organizado pelos pesquisadores Valéria Cazetta, doutora em geografia e professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), e pelo geógrafo e doutor em educação Wenceslao Machado de Oliveira Junior, professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O livro é resultado dos trabalhos e mesas redondas ocorridas no II Colóquio Internacional “A educação pelas imagens e suas geografias”, que se deu entre os dias 07, 08, 09 e 10 de novembro de 2011 na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

O Livro apresenta o rol de discussões e questões abordadas pelos participantes do colóquio por meio de três capítulos: 1) Educação visual, geografias e cartografias; 2) Educação visual, cinema e música; 3) Educação visual, filosofia e mídia. Distribuindo pelos mesmos os 12 capítulos correspondentes a cada uma das intervenções dos convidados em suas respectivas mesas.

O destaque pela questão da “educação visual” é justificado por um dos organizadores do livro a partir da seguinte argumentação:

As imagens sempre foram muito importantes para a Geografia, especialmente, as oriundas da linguagem cartográfica. Nos últimos anos, no entanto, outras linguagens têm sido incorporadas pelos geógrafos em suas práticas de pesquisa e de ensino. Para a educação geográfica atual, constituída também por uma dimensão pedagógica calcada nas experiências espaciais e visuais cotidianas, é de fundamental importância tomar as imagens tradicionalmente consideradas como geográficas (mapas, fotografias aéreas, imagens orbitais) e aquelas menos comuns (desenhos, fotografias, pintura, cinema, televisão) como potencialmente fundadoras de outras geografias e percursos curriculares (CAZETTA, 2013, p. 13).

Diante do exposto, os referidos capítulos visam abordar tanto essas imagens “mais tradicionais” quanto as “menos comuns” de maneira a estabelecer novos olhares e perspectivas para a linguagem geográfica, forçando os limites do que se considera usualmente como geográfico a partir do discurso institucionalizado e oficial desse ramo do conhecimento científico; assim o conjunto dos textos incitam o contato com novas abordagens e tecnologias provocando derivas na direção de novos sentidos cartográficos, de novos temas de pesquisa,

assim como possibilitam outras leituras para conceitos articuladores do pensar geograficamente o mundo.

O primeiro capítulo **Dogma visualizado: Estado-Nação, Terra, Rios...**, do cartógrafo norteamericano Denis Wood aborda a questão da elaboração de mapas como imagens propiciadoras de “dogmas científicos”, ou seja um discurso dogmático ao mesmo tempo “enganador e esclarecedor”, tanto para a apresentação de uma ideia de “Estado-Nação” como possibilitadora de outros referenciais e leituras do mesmo. O capítulo seguinte **Desfazimento de caligramas do espaço: sobre imagens, geografias e coisas ditas**, da professora de Geografia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) Amanda Regina Gonçalves, que questiona a atualidade das produções geográfica em um mundo já todo cartografado e esquadrinhado. Daí a autora, a partir de Foucault, buscar novos exercícios e práticas de olhar.

Já a geógrafa da Universidade Federal do Espírito Santo: Giseli Girardi, discute em seu texto **Política e potência das imagens cartográficas na geografia** o como as imagens cartográficas “agem no mundo e criam geografias”. Após fazer um levantamento junto ao CNPq de grupos de pesquisas que abordam a questão da cartografia, a autora passa a analisar o conceito de representação e finaliza com o emprego de conceitos deleuzianos como linhas de fuga a instaurar novos percursos e práticas cartográficas na geografia. O último capítulo desta primeira parte do livro é do professor de geografia da Universidade Regional do Cariri, no Ceará, Jörn Seemann. Seu texto **História da cartografia, imersão em mapas e carto-falas** ao mesmo tempo complementa e tensiona os textos anteriores, pois destaca que os atuais estudos sobre a cartografia priorizam aspectos que eram considerados marginais, notadamente quanto ao papel das representações elaboradas pelas pessoa em geral, o que cobra para o autor a necessidade de aprofundamentos metodológicos e estudos empíricos mais rigorosos para não comprometer a real contribuição dessas novas perspectivas.

O capítulo que abre a segunda parte **O Capital no cinema: as diferenças entre linguagens e as possibilidades geográficas**, elaborado pelo professor Cláudio Benito O. Ferraz, da Faculdade de Ciências e Tecnologia na Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP), faz um interessante estudo de como o livro clássico de Karl Marx foi transcrito para o cinema no filme de Alexander Kluge *Notícias da antiguidade ideológica: Marx, Einstein, O Capital*. Nesse processo de colocação em imagens do longo texto de Marx, abrem-se possibilidades de novas leituras da ordem espacial da sociedade contemporânea, atualizando o pensamento de Marx e o papel da imagem nesse contexto geográfico. O capítulo seguinte, de Eduardo J. Marandola Jr., da UNICAMP, campus de Limeira, faz um estudo fenomenológico da relação som e imagem na configuração do espaço urbano por meio do filme de Win Wenders *O Céu de Lisboa*. Seu texto **Trilhas de acesso a Lisboa: poesia, música, imagem e som em O Céu de Lisboa** termina fazendo uso das poesias de Fernando Pessoa como exercício para se experimentar a cidade por meio de outras geografias.

Em **Corpos e sons - locais e imagens: o Ad Herennium sob As Vilas Volantes**, do professor da UNICAMP Wenceslao M. de Oliveira Jr. discute o desdobrar das pesquisas re-

alizadas no interior do Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO) na busca por “imaginações espaciais alternativas”. Fazendo uso de Doreen Massey, Gilles Deleuze e José Milton de Almeida discute, a partir do antigo texto de prática memorizante *Ad Herennium* e com as imagens e sons do documentário *Vilas Volantes – o verbo contra o vento*, do diretor cearense Alexandre Veras, o como o sentido de lugar flui para vários sentidos de locais e de como a palavra tentar dar conta dessa fluidez.

Essa segunda parte é encerrado com o capítulo **Representação, música e geografia: repensando o “lugar” da música**, elaborado pelo professor do Departamento de Sociologia da Christopher Newport University, nos EUA, fazendo uso de pensadores como Theodor Adorno e Simon Frith, discute a força da sonoridade, no caso a musical, para estabelecer outros sentidos, muitos dos quais tensos e contraditórios, de lugar no território, para tal, estuda o grupo Oludum no bairro do Pelourinho, em Salvador, Bahia.

A terceira e última parte do livro é aberta com o capítulo **Mídia, imagens, espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica**, da doutora em ciências sociais e pesquisadora independente Ana Lúcia de Godoy Pinheiro, no qual a autora, aplicando o pensamento de Gilles Deleuze, analisa imagens do fotógrafo e artista plástico, de origem paulista mas sediando em Belém do Pará, Sinval Garcia, denominadas *Paisagem In-Visível*, para assim pontuar a dimensão política e poética das imagens na configuração de outros sentidos paisagísticos, a dimensão “amnésica [...] o espaço disjuntivo, a duração, as paisagens do esquecimento...” (GODOY, 2013, p. 220). A arquiteta e professora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Maria Helena Braga e Vaz da Costa, apresenta em seu texto **Considerações sobre a paisagem-imagem** considerações muito pertinentes sobre o conceito de paisagem na tradição cultural de nossa sociedade atual, apontando para a força da imagem na problematização dessa leitura e de outras possibilidades que esta aponta para este conceito central à geografia.

Verónica Carolina Hollman, geógrafa argentina e professora da Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, discute a questão ambiental urbana a partir de sua participação no projeto *Murales que hablan*, do Ministério da Educação da Argentina realizado em várias escolas do país. Os murais elaborados pelos alunos apontam para a autora que

Para pensarmos uma educação ambiental realista, mas também esperançosa, precisamos de imagens não frequentes nos discursos visuais contemporâneos, que nos convidem a imaginar e criar possibilidades de mudar (HOLLMAN, 2013, p. 253).

O último texto dessa parte e do próprio livro é **Perder-se: experiência e aprendizagem**, da geógrafa Ana Maria Hoepers Preve e vinculada ao Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade Estadual de Santa Catarina. A pesquisadora elabora sua reflexão a partir de sua experiência junto aos pacientes internos do manicômio judiciário Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis, interagindo as imagens elaboradas pelos internos com o filme *O Céu que no Protege*, de Bernardo Bertolucci. Fa-

zendo uso de Gilles Deleuze e Antonin Artaud, a autora elabora um texto instigante para se pensar os sentidos de orientação e localização dos corpos no mundo a partir do lugar em que a vida acontece, com toda sua carga dramática e nômade.

Após a leitura desses diversos capítulos, apontamos a pertinência e importância desse livro para todos aqueles interessados nos novos rumos e possibilidades do trabalho imagético nas artes, na cartografia, na geografia e, principalmente, na escola. É uma bela obra, instigante e desafiadora, bem elaborada, com textos que provocam o pensamento a imagear novos sentidos espaciais e estéticos para a vida e elaboração do conhecimento.